





O Colecionador de Pássaros, de Caio Fernando Nicolette

1º Edição

2023. Todos os direitos reservados.

“Esta é uma obra de ficção sem comprometimento algum com a realidade. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas será mera coincidência”.

É proibida a reprodução, parcial ou total, por quaisquer meios de conteúdo, desta edição, de acordo com a Lei 9.610 / 98;

Contém ilustrações originais do autor, devidamente assinadas;



O Colecionador de
Pássaros



Um romance de

*Caio
Romance
M. de L.*

Nota do Autor

O Colecionador de Pássaros é uma história intensa, marcante e de certa forma perturbadora. É uma das poucas tramas que jamais sofreu nenhuma alteração de título desde a criação.

Esta é a história de Lewis, um homem de 25 anos solitário e sem nenhum referencial de família. Ele vive sozinho, sem nenhum parente por perto, e os únicos seres vivos ao seu redor são pássaros. Lewis coleciona espécies raras de pássaros, desde canários até mesmo rouxinóis. É um lazer, e ao mesmo tempo seu ofício.

Todavia, a ausência de seres humanos começa a enlouquecer a cabeça de Lewis. Sem outra alternativa, ele decide adotar um filho. *Ou talvez uma filha.* Acaba encontrando um orfanato clandestino e, ao oferecer pássaros raros ao proprietário, consegue adotar uma garota de 12 anos. Seu nome é Ariel.

Mas o limite tênue entre o sentimento de pai adotivo e uma estranha obsessão que começa a nascer pela menina pode pôr em risco o que ainda resta de sua pouca sanidade mental. De repente, ele tem para si o mais precioso pássaro que se poderia conseguir, preso em uma gaiola.

Lewis começa a definhar diante de um mar de dúvidas que se contradizem, a respeito de apenas contemplar o pássaro, tocá-lo, ou simplesmente libertá-lo.

PERSONAGENS

Lewis – O personagem principal, de 25 anos. Vive sozinho em uma casa grande, fria e solitária. Coleciona, vende e comercializa pássaros raros pelo mundo afora. Em dado momento, decide adotar uma criança.

Ariel – Menina de 12 anos encontrada por Lewis em um orfanato clandestino. Ela é trocada por uma centena de pássaros raros, em uma espécie de transação ilegal. Ela é alegre, ingênua e pura.

Evelyn – A melhor amiga de Ariel, no orfanato. É adotada primeiramente por Lewis, mas não se adapta ao colecionador de pássaros e acaba sendo devolvida.

Catherine – Empregada de Lewis, também responsável pelo cuidado e alimentação dos pássaros. Teme pelo futuro de Ariel.

João do Mato – Dono de um orfanato clandestino. Compra e revende crianças a casais que não podem ter filhos, e não querem perder anos e anos esperando pelos trâmites de uma adoção legal.

Almerinda – Esposa de João do Mato. Ajuda na criação das meninas que foram abandonadas em sua propriedade.

Sra. Hermínia – Vizinha de Lewis. Trata-se de uma senhora de 74 anos que começa a desconfiar da convivência entre Ariel e Lewis.

Sr. Davi – Vizinho de Lewis, marido de Hermínia. Ambos estranham a relação do vizinho com sua filha adotiva, e decidem denunciá-lo.

Peterson – Agente do conselho tutelar; começa a investigar a vida de Lewis. Em dado momento, decide separá-lo de Ariel.

Jacob – Pai de Lewis. Repreende as atitudes do filho, quando percebe que ele está se relacionando com uma menor de idade.

FATOS

É considerado pedofilia qualquer envolvimento que submeta o menor de idade a qualquer tipo de sofrimento, dor ou humilhação. Esta história não existe para romantizar esse tipo de violência.

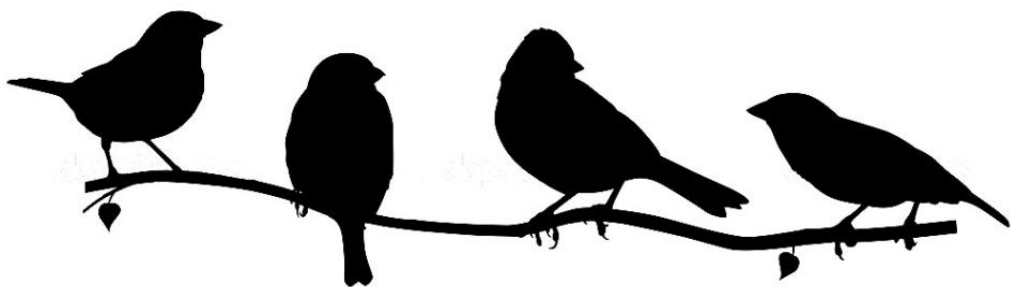
No cuidado de pássaros, não se deve manter duas aves em uma única gaiola; o ideal é que cada ave desfrute de um espaço próprio. Para criar vários pássaros, é recomendado um viveiro grande, ou um jardim com paredes de vidro intransponíveis.



Gostaria de dedicar este romance a toda e qualquer pessoa que já se libertou de suas prisões; fossem empregos, relacionamentos ou dívidas.

*De todas as gaiolas,
Reservei a mais valiosa,
Para a ave mais sagrada.
Eis o pássaro mais raro,
Que tão longe fui buscar.
Para cuidar, proteger, alimentar...
Para amar.
Aqueles asas pequenas roubaram meu coração.*

*A prisão é confortável,
Tal gaiola é a nossa nova dimensão.
Uma vez que se entra,
Não há razão para sair.
Todavia, se um dia quiser partir,
As grades serão removidas.
Espero que este dia nunca chegue.*



*Eu amo a sua voz...
Eu amo o seu cântico,
Sou fã das suas asas,
Que escolheram voar tão baixo.
Com tantos ninhos por aí,
Escolheste fazer parte de mim...*



Primeira Parte

As Profundezas da Solidão

Capítulo Um
{Aves Que Não Ganham O Céu}



Naquele tempo, foram edificadas as mais belas prisões que se possa imaginar. Elas se assemelhavam a pequenos palácios. Os captores garantiam a seus prisioneiros que já não haveria razão para fugir, afinal, seria como abandonar um fragmento de paraíso na Terra. Já não era necessário buscar qualquer outra coisa na vida.

As prisões sorrateiramente modificavam as pessoas e corrompiam seus sentimentos mais puros. Todos eram simplesmente reprogramados.

Era gratificante quando, subitamente, um ou outro prisioneiro decidia alcançar a própria libertação, regressando ao seu velho ponto de partida. Isso acontecia porque, vez ou outra, os prisioneiros sentiam saudade do que costumavam ser.

Os vícios poderiam até preencher longos períodos de tempo, mas jamais uma vida inteira. Embora todos fossem intensos, eram também passageiros.

O homem viciado em colecionar aves sabia disso.

E temia não se interessar mais pelos belos pássaros ao romper de uma nova manhã. Logo, procurava ouvir os cânticos bem de perto e apreciar cada um dos milhares pontos voadores.

O homem despertou logo nas primeiras horas da manhã, embora fosse um domingo. Seus pássaros já estavam a cantar, para o encantamento de alguns e a irritação de outros.

— Bom dia, Sr. Lewis... Tudo bem com o senhor? — Saudou-lhe a empregada, Catherine; era uma mulher de trinta e seis anos.

_ Mais ou menos... Tive aquele sonho de novo...

_ Com sua mãe?

_ Receio que sim...

_ Precisa reformular sua família, senhor... Encontrar uma moça e se casar... Sua mãe não vai mais voltar... – Catherine parecia ter pena de Lewis. Há tempos, ele vivia sozinho em uma casa deixada pelo pai, que residia em outro estado.

_ Já tratou dos pássaros...?

_ Ah, sim. *Todos estão vivos*. – Sorriu Catherine. Muitas vezes, algumas aves amanheciam mortas. Felizmente a tendência não se repetiu naquela manhã.

Lewis caminhou até o gigantesco jardim. O ambiente era bloqueado por quatro paredes inquebráveis de vidro.

As espécies eram separadas por divisórias. Lewis colecionava canários do reino, canários da terra, pintarroxos, rouxinóis, melros, curiós, dentre outras espécies. Eram todas aves consideradas raríssimas.

_ Bom dia, meus amigos... – Sorriu Lewis, adentrando o centro do jardim. Como sempre, dançou por entre as flores e os pássaros fizeram um círculo ao seu redor. A empregada Catherine o observava do outro lado da porta de vidro; talvez ela quisesse unificar-se ao patrão, ou quem sabe presentear-lhe com uma nova família no futuro. Suas verdadeiras intenções eram misteriosas naquele tempo.

O jardim de Lewis era imenso, e não seria correto afirmar que as aves sofriam ou ficavam presas. Era como se tivessem para si um pedaço exclusivo de liberdade. Não poderiam ganhar os céus, mas ainda assim alçavam altos voos e cantarolavam para o colecionador. Na visão de Lewis, todas estariam mais seguras com ele do que soltas pelo mundo.

Lewis verificou os comedouros. Sim, já estavam cheios de alpiste, grãos e vitaminas. No centro do jardim havia também uma cascata de água fresca, onde as aves se saciavam. Embora tudo fosse mágico e encantador, não deixava de ser uma prisão camuflada. Mas Lewis acreditava que seus pássaros eram verdadeiramente felizes.

E tudo estava bem assim.

Diariamente, Lewis recebia visitas de compradores e vendedores de aves. Sempre estavam interessados em trocar algumas espécies.

_ Todos estão bem, não é...? – Sorriu Catherine, assim que viu o patrão adentrando a sala principal.

_ Sim... Você transbordou um pouquinho o comedouro dos rouxinóis, mas estão todos abastecidos, sim... – Catherine sentou-se ao seu lado no majestoso sofá imperial.

_ Você parece abatido... Deveria sair um pouco. Você passa muito tempo preso nesta casa... Parece até um dos pássaros. Nos finais de semana, você precisa sair um pouco. Conheço alguns restaurantes italianos, e...

_ Catherine. Chega, por favor... No momento certo, eu encontrarei uma companhia para sair. Não é o momento oportuno. Ainda assim, obrigado... – Um pouco sem jeito, Catherine se retirou da sala e voltou aos afazeres. Ela era uma mulher loira, gentil e bonita. Todavia, era mais velha que Lewis; e ele simplesmente não conseguiria lidar com aquele pequeno agravante.

Lewis interessava-se apenas por moças mais novas.

Os domingos eram monótonos e desgastantes. O homem era acostumado a permanecer deitado na cama por horas, sem se levantar. Lewis era sedentário e não vislumbrava razões ou motivos para sair de casa. A não ser que fosse estritamente necessário.

Por várias vezes, Catherine o convidava para sair. Talvez quisesse fazer isso na qualidade de amiga do patrão. Mas Lewis sempre rejeitava todo e qualquer convite; nas horas vagas, ele costumava entrar na internet e, a partir das redes sociais, buscava conhecer pessoas.

Mas Lewis procurava por mulheres extremamente jovens. Embora ele já tivesse 25 anos, ainda se interessava por moças de dezesseis.

Nas ocasiões em que recebia companhias femininas em sua residência, Lewis dispensava os serviços de Catherine. Todos os visitantes que adentravam sua casa logo se deparavam com sua belíssima obsessão.

_ Nossa... Quantos pássaros...! – Sorriu uma guria loira, de aproximadamente dezoito ou dezenove anos, ao anoitecer. Como sempre, Lewis marcava os encontros, buscava as mulheres e as trazia até sua casa.

_ Pois é... Cuido deles desde criança. Meu pai me presenteou, há tempos, com meu primeiro canário... Desde então, fui acumulando...

_ Você parece meio obcecado com isso tudo.

_ Sim. Eu vendo, e também compro. Mas algumas espécies específicas, eu jamais venderia para outra pessoa... Aqueles canários avermelhados, por exemplo... – Lewis discursava por horas inteiras a respeito das origens de suas aves. *Chegava a ser entediante.*

As companhias femininas que Lewis recebia eram sempre passageiras, e nenhuma poderia representar um relacionamento duradouro; mesmo porque seria complicado pedir uma moça jovem em namoro sem mentir a idade.

_ Olá, filho... Tudo bem? – Saudou-lhe Jacob, seu pai, algumas horas depois. Conversavam pelo telefone. Pai e filho viviam separados por conta de várias desavenças irreconciliáveis. Seria perda de tempo conversar a respeito dos mesmos erros do passado; então eles simplesmente tentavam seguir em frente.

_ Tudo bem, pai. Obrigado por ligar.

_ E os pássaros, como estão?

_ Estão bem... Perdi apenas seis nesta semana... Os melros já criaram.

_ Que bom... Assim que possível, irei até sua cidade para revê-lo, e...

_ Não precisa. Você já tem sua nova família... Seus novos filhos, sua nova esposa... Não precisa se importar comigo. Eu me viro. – Lewis conseguiu ouvir a respiração cansada do pai.

_ Não precisa ser assim.

_ É assim que as coisas são. Não se preocupe comigo... Não vou me suicidar, tampouco virar comida para os pássaros. Fique descansado, tudo está bem. – Lewis não gostava de se alongar nas conversas com o pai. Este por sua vez já possuía uma nova esposa, e também novos filhos. Desta maneira, Lewis sentia-se no dever de não atrapalhar.

Embora Jacob morasse em outro estado, costumava visitar Lewis cerca de duas ou três vezes por mês. O pai também colecionava algumas aves, mas o fazia apenas por hobby.

_ Ei... Você adormeceu... – Sorriu Lewis, acordando a moça que trouxera para casa. Ela começou a se vestir com pressa.

_ Meu Deus, preciso voltar para casa... Que horas são...?

_ São quase onze e meia.

_ Você me leva? Por favor.

_ Claro, levo sim... Nós podemos nos encontrar novamente? Sei que falei demais sobre os pássaros, e peço perdão por isso.

_ Claro, podemos ter um segundo encontro. É só combinar. – Lewis retirou o carro da garagem e levou a moça até o bairro onde ela residia com os pais. Não pôde deixá-la na porta de casa, uma vez que seus pais não deveriam saber que ela encontrara um homem mais velho.

Lewis já conhecia toda a situação a seguir: Contataria a moça pelas redes sociais, e solicitaria um segundo encontro. *Não conseguiria.* Apesar de ser gentil, Lewis não era exatamente a melhor companhia que uma garota poderia querer.

A partir disso, alimentaria por dias seguidos uma antiga lembrança, imaginando que talvez a menina pudesse lhe pertencer.

Sem outra opção, Lewis retornava ao quarto de vidro dos pássaros. Regava o jardim com algumas lágrimas, enquanto era observado pelos pequeninos seres que pousavam em seus ombros.

Capítulo Dois {O Novo Cliente}



Os pássaros de Lewis representavam sua própria prisão interna, da qual ele não queria se libertar; ele não se tornaria o homem extrovertido que sai por aí fazendo amigos da noite para o dia. Lewis buscava uma moça, e nada mais, para colocar dentro de casa e formar o que todos costumavam chamar de “*família*”. Havia muitos espaços a serem preenchidos;

Há muito tempo, Lewis preenchera as solicitações para tentar adotar uma criança e mascarar um pouco a solidão. Mas ele vivia completamente sozinho. Não tinha nenhuma companheira ou esposa. Desta forma, o serviço social dificilmente lhe entregaria outra vida.

Ele sentia como se já tivsse passado da hora de viver; Ainda assim, era covarde e medroso demais a ponto de se suicidar. A empregada preparava todas as refeições, mas às vezes Lewis saía para comer fora.

Catherine costumava ir embora às nove da noite, após preparar o jantar. Só então Lewis caminhava até o quarto de vidro e chorava diante dos pássaros. Naquela noite não foi diferente.

Eis que, enquanto jogava grãos aos pássaros que já se retiravam para dormir, Lewis sentiu algo vibrando em seu bolso. Era o celular; *um número estranho e desconhecido o chamava.*

_ Pois não, quem fala...?

_ Lewis...? É você? O homem dos pássaros? – Perguntou uma voz rouca.

_ Sou eu... Acredito que sim...